

Soja e trigo fazem a riqueza da região

Bastaram dez anos. E a iniciativa privada transformou os campos abandonados da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, numa das principais regiões agrícolas do País. Os 11.400 hectares de terras cultivadas com café, milho, arroz e algodão viraram 450 mil hectares de lavouras de soja e trigo. Nesse período, doze distritos foram elevados à categoria de municípios. As cooperativas espalharam suas bases e armazéns e os bancos tiveram que instalar-se até na zona rural.

Uma coisa chama a atenção na região da Grande Dourados. A maioria das pessoas é originária de outros Estados, mas são raras as que se consideram imigrantes. O vínculo com a terra atual foi tão forte que as origens só são lembradas nos momentos de saudosismo. É quando se observa que a população dos 24 municípios da área, estimada pelo IBGE em 551.605 habitantes (30% do total do Estado), é formada basicamente por nordestinos, paranaenses, rio-grandenses e paulistas.

Deve-se aos gaúchos a explosão econômica decorrente do boom, da soja e do trigo. Foram eles que chegaram, em fins da

década de 60, dispostos a ocupar terras até então improdutivas. Vieram com dinheiro resultante da venda de propriedades valorizadas em seu Estado, o suficiente para adquirir áreas muito maiores e introduzir modernas técnicas agrícolas.

As culturas mudaram e a área plantada cresceu 4.000% num período de dez anos

Antes, toda a porção meridional de Mato Grosso do Sul teve fases distintas. A primeira durou até 1924 e foi sustentada pela Companhia Mate Laranjeira, detentora do monopólio de exploração da erva-mate. Depois, a partir de 1943, com a criação, pelo Estado Novo, da Colônia Agrícola Nacional de Dourados, época em que milhares de nordestinos foram atraídos pelo projeto de colonização que distribuiu 187 mil hectares em 8.800 glebas de 30 hectares cada uma. O café só se tornou significativo a partir de 1953, quando a Companhia Vera Cruz iniciou a colonização de uma área virgem entre os rios

Amambai e Curupaí, atraindo lavradores paulistas e paranaenses.

Quando os gaúchos chegaram, as terras até então ocupadas eram resultantes das matas, consideradas semelhantes às do norte do Paraná em fertilidade. Por isso eles tiveram que estabelecer-se nos campos, onde muitos fracassaram, tentando corrigir a qualidade do solo. Os que insistiram por fim tiveram sucesso. Só no município de Dourados, a área cultivada saltou de 3,5 mil hectares para 134 mil, na década de 70. Em termos regionais, o último plantio de soja ocupou 760 mil hectares e garantiu a produção de 1.679 mil toneladas. O trigo, no ano passado, foi cultivado em 240 mil hectares e rendeu 380 mil toneladas, equivalente a 85% da produção de grãos de Mato Grosso do Sul. Em relação à produção nacional, a participação é de 12,59% na soja e de 7% no trigo. O município de Dourados, individualmente, é o maior produtor de trigo do Brasil. Neste ano agrícola, foram plantados 55 mil hectares, com uma produção prevista de 100 mil toneladas.

Isso tudo ocupa apenas 30% das terras agricultáveis, o que aponta na direção

de um crescimento ainda maior nos próximos anos — que, de qualquer forma, terá que ser melhor coordenado, em busca de alternativas de diversificação agrícola. O projeto mais importante é de iniciativa da Cotrijuí, que agora quer viabilizar economicamente o aproveitamento de áreas pequenas, principalmente as remanescentes da Colônia Agrícola Nacional, através da exploração de granjas de frangos de corte. Ao mesmo tempo, a cooperativa deverá implantar um abatedouro de aves que absorva a produção do campo.

Ao lado de iniciativas importantes como a do empresário Olacyr de Moraes, que planta 38.500 hectares de soja, sendo 6.500 irrigados — a maior lavoura individual do mundo — a Grande Dourados deve seu desenvolvimento econômico à atuação das cooperativas agrícolas. Na verdade, foram elas que direcionaram a economia, dando sustentação nas fases de plantio e de colheita, no armazenamento e na comercialização dos grãos.

A Cotrisoja, atualmente absorvida pela Cotrijuí, nasceu em 1972, da união dos agricultores gaúchos, paulistas e para-

naenses. Ao todo, eram 150 sócios fundadores. Um deles, o segundo presidente, Antônio Tonani, que permaneceu sete anos no cargo, lembra que durante aquele período foi construído o maior armazém graneleiro do País, com capacidade para 60 mil toneladas, equivalente a um milhão de sacas.

A cooperativa cresceu, atingiu 800 sócios e em março de 79 foi vendida à Cotrijuí, a maior do gênero no País, de origem gaúcha. Tonani tem uma explicação fácil para a concretização do negócio: “Na época, a maior parte dos sócios da Cotrisoja em Mato Grosso do Sul, também era associada à Cotrijuí, no Rio Grande do Sul”. Atualmente, aquela cooperativa, com três mil associados, contribui com 65% da produção de grãos do Mato Grosso do Sul. A expansão regional levou-a a estabelecer armazéns convencionais em Dourados, Itaporã, Campo Grande, Aral Moreira, Douradina, Caarapó, Maracaju, Ponta Porã, Rio Brilhante, Sidrolândia e Bonito. Sua capacidade estática de armazenamento atinge 416 mil toneladas.